XXIX CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI BALNEÁRIO CAMBORIU - SC

DIREITO, ARTE E LITERATURA

MÁRCIO RICARDO STAFFEN

REGINA VERA VILLAS BOAS

RENATO DURO DIAS

Copyright © 2022 Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – CONPEDI
Presidente - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC – Santa Catarina
Diretora Executiva - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini - UNIVEM/FMU – São Paulo
Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa – Pará
Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG – Goiás
Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos – Rio Grande do Sul
Vice-presidente Sudeste - Profa. Dra. Rosângela Lunardelli Cavallazzi - UFRJ/PUCRio – Rio de Janeiro
Vice-presidente Nordeste - Profa. Dra. Gina Vidal Marcilio Pompeu - UNIFOR – Ceará

Representante Discente: Prof. Dra. Sinara Lacerda Andrade – UNIMAR/FEPODI – São Paulo

Conselho Fiscal:
Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara – ESDHC – Minas Gerais
Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UCAM – Rio de Janeiro
Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho – Ceará
Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva – UFS – Sergipe
Prof. Dr. Valter Moura do Carmo – UNIMAR – São Paulo
Secretarias
Relações Institucionais:
Prof. Dra. Daniela Marques De Moraes – UNB – Distrito Federal
Prof. Dr. Horácio Wanderlei Rodrigues - UNIVEM – São Paulo
Prof. Dr. Yuri Nathan da Costa Lannes - Mackenzie – São Paulo
Comunicação:
Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali – Rio Grande do Sul
Profa. Dra. Maria Creusa De Araújo Borges - UFPB – Paraíba
Prof. Dr. Matheus Felipe de Castro - UNOESC – Santa Catarina
Relações Internacionais para o Continente Americano:
Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA – Bahia
Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch - UFSM – Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA – Maranhão
Relações Internacionais para os demais Continentes:
Prof. Dr. José Barroso Filho – ENAJUM
Prof. Dr. Rubens Beçak - USP – São Paulo
Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - Unicuritiba – Paraná
Eventos:
Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta - Fumec – Minas Gerais
Profa. Dra. Cinthia Obladen de Almendra Freitas - PUC – Paraná
Profa. Dra. Livia Gaigher Bosio Campello - UFMS – Mato Grosso do Sul

Membro Nato – Presidência anterior Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa – UMICAP – Pernambuco

D597

Direito, arte e literatura [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI

Coordenadores: Márcio Ricardo Staffen; Regina Vera Villas Boas; Renato Duro Dias.

– Florianópolis: CONPEDI, 2022.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-5648-634-5
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Constitucionalismo, Desenvolvimento, Sustentabilidade e Smart Cities

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Direito. 3. Arte e literatura. XXIX Congresso Nacional do CONPEDI Balneário Camboriu - SC (3: 2022: Florianópolis, Brasil).

CDU: 34



Conselho Nacional de Pesquisa
e Pós-Graduação em Direito Florianópolis
Santa Catarina – Brasil
www.conpedi.org.br

XXIX CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI BALNEÁRIO CAMBORIU - SC

DIREITO, ARTE E LITERATURA

Apresentação

O XXIX ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI BALNEÁRIO CAMBORIÚ – SC que foi realizado em parceria com a Univali, trazendo como tema central das pesquisas o "CONSTITUCIONALISMO, DESENVOLVIMENTO, SUSTENTABILIDADE E SMART CITIES". Essa relevante e contemporânea temática orientou o conjunto dos debates, fato este irradiado desde o início do evento, perpassando inúmeros temas expostos nos variados painéis do Evento, que permaneceu vivo e intenso, durante os dias 07, 08 e 09 de dezembro de 2022. A questão da necessidade de se refletir sobre a materialização dos direitos fundamentais, enfrentando situações contemporâneas, entre outras, sobre a garantia dos direitos de personalidade, ao trabalho, à moradia, à educação e à vida, estiveram presentes nos diálogos reflexivos enfrentados pelo Grupo de Trabalho "GT: Direito, Arte e Literatura - I ", abordando realidades a respeito das desigualdades, da liberdade e conectividade, à luz do texto constitucional e do Estado Democrático de Direito.

Sob a coordenação do Professor Dr. Márcio Ricardo Staffen da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Prof. Dr. Renato Duro Dias da Universidade Federal do Rio Grande, e da Profa. Dra. Regina Vera Villas Bôas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC /SP), o Grupo de Trabalho "DIREITO, ARTE e LITERATURA - I " espera ter contribuído coma verticalidade dos debates, atualidade das temáticas abordadas, aprimoramento do conhecimento e efetividade da humanidade.

Abaixo, estão relacionados os títulos dos artigos que foram expostos no Grupo de Trabalho:

A REPRESENTAÇÃO DA JUSTIÇA NA REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA DE INTERESSE SOCIAL: NARRATIVA A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO DE QUEM É A TERRA? de Paulo Marcio Reis Santos e Antônio Ricardo Paste Ferreira.

A SOCIEDADE TRANSUMANISTA EM "FLORES PARA ALGERNON": UMA ANÁLISE A PARTIR DOS DIREITOS DA PERSONALIDADE de Jaqueline Da Silva Paul Ichi , Valéria Silva Galdino Cardin e Marcelo Negri Soares.

AUTONOMIA PRIVADA, DESENVOLVIMENTO E BLACK MIRROR: UMA ABORDAGEM PELA ANÁLISE ECONÔMICA DO DIREITO de Paulo Marcio Reis Santos, Sandra Paula De Souza Mendes e Sandy Arranhava de Noronha.

O PARQUE DAS IRMÃS MAGNÍFICAS: DA INTERDIÇÃO À EMANCIPAÇÃO DOS CORPOS TRAVESTIS de Amanda Netto Brum e Márcia Letícia Gomes.

O RETRATO DA FIGURA FEMININA DA DITADURA À CONTEMPORANEIDADE: UMA ANÁLISE DA MÚSICA GENI E O ZEPELIM, DE CHICO BUARQUE DE HOLANDA de João Baraldi Neto, Renato Duro Dias e Márcia Letícia Gomes.

TEATRO E DIREITO: O USO DE MÉTODOS ATIVOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM de Laura Santos Aguiar, Ana Luiza Goulart Peres Matos e Frederico de Andrade Garic.

“MUSEÁLIA” - OS PRINCIPAIS ASPECTOS DA RECOMENDAÇÃO REFERENTE À PROTEÇÃO E PROMOÇÃO DOS MUSEUS E COLEÇÕES, SUA DIVERSIDADE E SEU PAPEL NA SOCIEDADE de Jad Gleison Rocha Alves.

Camboriú, 07 a 09 de Dezembro de 2022.

Prof. Dr. Márcio Ricardo Steffen -Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)

Prof. Dr. Renato Duro Dias - Universidade Federal do Rio Grande

Prof. Dra. Regina Vera Villas Bôas - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

O PARQUE DAS IRMÃS MAGNÍFICAS: DA INTERDIÇÃO À EMANCIPAÇÃO DOS CORPOS TRAVESTIS

PARQUE DAS IRMÃS MAGNÍFICAS: TRANSVESTITES' BODIES INTERDICTIONS

Amanda Netto Brum
Márcia Letícia Gomes

Resumo

Esta investigação objetiva problematizar como o texto “Parque das Irmãs Magníficas” de Camila Sosa Villada (2021) contribui para a reflexão das interdições vivenciadas pelos corpos travestis e detectar como textos literários, como o da autora, podem descortinar aportes para estruturar respostas emancipatórias às interdições vivenciadas pelos corpos travestis. Valendo-se da da técnica de pesquisa da documentação indireta por meio de investigação bibliográfica e ancorando-se em Ost (2009) de Camila, problematizou-se, inicialmente, se ao corpo da travesti é concedido o direito plural e performático de aparecer (Butler, 2018). Logo, buscou-se desnudar como as Instituições agem no sentido de interditar os corpos travestis e, por fim, refletiu-se como a violência e interdição dos corpos travestis é possibilitada e naturalizada no cenário social. Pretende-se, portanto, que esta pesquisa - de natureza interdisciplinar- desvele as interdições vivenciadas pelos corpos travestis, revele aportes para que respostas emancipatórias às interdições vivenciadas pelos corpos travestis sejam estruturadas e contribua para a produção de potentes diálogos entre os campos da arte e do direito.

Palavras-chave: Corpo, Travesti, Parque das irmãs magnificas, Interdição, Emancipação

Abstract/Resumen/Résumé

This study aims to problematize how the text “Parque das Irmãs Magníficas” by Camila Sosa Villada (2021) contributes to the reflection of the interdictions experienced by transvestite bodies and to detect how literary texts, such as the author's, can reveal contributions to structure emancipatory responses to interdictions experienced by transvestite bodies. Using the technique of indirect documentation research through bibliographic research and based on Camila's Ost (2009), it was initially questioned whether the transvestite's body is granted the plural and performative right to appear (Butler, 2018). Therefore, we sought to lay bare how institutions act in order to interdict transvestite bodies and, finally, it was reflected on how violence and interdiction of transvestite bodies is made possible and naturalized in the social scenario. It is intended, therefore, that this research - of an interdisciplinary nature - reveals the interdictions experienced by transvestite bodies, reveals contributions so that

emancipatory responses to the interdictions experienced by transvestite bodies are structured and contribute to the production of powerful dialogues between the fields of art and of the right.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Body, Transvestite, Parque das irmãs magníficas, Interdiction, Emancipaton

... sobreviver dia a dia às nossas mortes,
à morte de nossas irmãs,
às desgraças alheias,
sempre tão nossas.
(Camila Sosa Villada)

1 Introdução

Sabe-se[1] que as interdições dos gêneros e das identidades, especialmente de gêneros e sexualidades[2] se encontram nos mais variados domínios do saber e nos múltiplos espaços de produção de poder. Diante deste contexto, determinados sujeitos, como as travestis, experimentam diversas interdições. As travestis são expulsas da vida em sociedade, empurradas para zonas de precarização e de abjeção. Há, desta forma, um processo de segregação desses sujeitos dos núcleos familiares, escolares, laborais. Significam, via de regra, um grupo em subalternização[3] em termos de escolaridade baixa, trabalhos precários, ascensão social, impedimentos aos mais variados tipos de serviços e, fundamentalmente, são excluídos de muitos campos sociais.

Desse modo, este escrito tem como objetivo problematizar como o texto "O Parque das Irmãs Magníficas" de Camila Sosa Villada (2021) contribui para a reflexão das interdições vivenciadas pelos corpos[4] travestis e, a partir disso, detectar como textos literários, como o analisado, podem descortinar aportes para estruturar respostas emancipatórias às interdições vivenciadas pelos corpos travestis. Isto porque acredita-se que as interfaces entre Direito e Literatura podem proporcionar potentes reflexões. Além do mais, como lembra Nussbaum (2015) em determinadas situações é necessária uma linguagem

[1] Como expõe Benevides e Nogueira a conjuntura vivenciada, fundamentalmente no Brasil, pelas pessoas que fazem parte do segmento da sociedade que abandona e marginaliza sujeitos que rompem com os padrões hetero-cis-normativos. A maior parte da população LGBTQI+ no país vive em condições de miséria e exclusão social, sem acesso à educação, saúde, qualificação profissional, oportunidade de inclusão no mercado de trabalho formal e políticas públicas que considerem suas demandas específicas. (BENEVIDES, NOGUEIRA, 2019, p. 4).

[2] [2] Grafa-se no plural estas categorias, pois, como Brum e Dias (2022), compreende-se ser a melhor grafia para expressar a multiplicidade de vivências e experiências que compõe os gêneros e as sexualidades humana.

[3] Compreende-se tal terminologia a partir da leitura de Spivak (2010).

[4] Ancora-se na filosofia de Foucault (2005, 2006,2008, 2010, 2013, 1996 ,1988) para significar o corpo como uma categoria analítica e política.

distinta da cotidiana - como a linguagem das artes, mais especificamente, neste caso, o texto literário -, de uma gramática diversa daquela empregada no âmbito jurídico para que se possa pensar outras nuances de uma mesma problemática.

Neste sentido, lembra-se que, Ost (2009) pensa as relações entre Direito e literatura por três diferentes perspectivas: a) o Direito como literatura b) direito da literatura pensando a proteção de direitos autorais e temas daí decorrentes e c) Direito através da literatura como possiblidade de pensar o direito. Neste estudo, então, filia-se à terceira vertente anunciada pelo filósofo ao ser trazido os relatos contidos no texto literário para ser pensando a ausência de direitos do grupo narrado por Camila (2021) e ao qual ela pertence. Para além do proposto por Ost (2009), pensa-se também a literatura aqui, como um direito; o direito de existir, ser, de contar estas histórias. Vale-se, também, da técnica de pesquisa da documentação indireta por meio de investigação bibliográfica.

Cabe referir, que Camila Sosa Villada, a autora do livro, identifica-se como uma mulher travesti[5] e, desta forma, o seu nome (prenome) compõe sua construção identitária, assim, sem desconsiderar o direcionamento das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT – NBR 6023), faz-se o chamamento pelo nome da autora neste escrito e não pelo seu sobrenome. Faz-se esta opção teórico- metodológica porque se compreende que o processo de identificação das travestis perpassa pela possiblidade de autonomear-se, autorreferir-se autoidentificar-se socialmente a partir da construção do nome ressignificado.

Também, menciona-se que se vale da flexão feminina *a* travesti porque essa identidade de gênero, conforme Pelúcio, é marcada pela construção do feminino em corpos masculinos (PELÚCIO, 2009), além de demarcar uma posição política, já que se pode observar, a partir das narrativas de sujeitos que se identificam como a identidade travesti ou transexual, que o tratamento no gênero feminino é a forma mais frequente como as travestis se nomeiam. (AMARA, 2017; JAQUELINE, 2015)[6].

[5] É necessário esclarecer que não há, nesta investigação, uma definição exaustiva ou, conforme Benetti (2005), categórica dos sujeitos que se identificam com a identidade travesti, pois não somente contraria o objetivo dessa pesquisa categorizar os sujeitos, mas, fundamentalmente, porque este trabalho orienta-se por meio da compreensão de que tais identidades são construções efetuadas ao longo das vivencias desses. (BENETTI, 2005)

[6] Assim como Camila as autoras identificam-se com as identidades travesti e transexual, por isso, faz-se o chamamento pelo primeiro nome – ainda que não se desconsiderar o direcionamento das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT – NBR 6023).

Este texto é, então, estruturado em três momentos além de contar como uma introdução e uma conclusão. Assim, inicialmente analisa-se, no tópico denominado de "Um corpo que se quer livre", se ao corpo da travesti é concedido o direito, como propõe Butler (2018), plural e performativo de aparecer. Já, no tópico seguinte, chamado de "Instituições", busca-se desnudar como as Instituições, como a polícia, agem no sentido de interditar os corpos travestis, excluindo-os da vida das cidades. E, no tópico "A violência como casa", reflete-se de que forma a violência e interdição dos corpos travestis é possibilitada e naturalizada no cenário social. A violência, como nos lembra Butler (2019), parece transmitir uma mensagem de *desumanização* dos sujeitos que a vivenciam. Frente a esta constatação e considerando a narrativa de Camila (2022) é que, como Butler, questiona-se se uma pessoa está perdida, e se essa pessoa não *é um humano*[7], há vítimas da violência indesejadas?

Então, ao se compreender que, a partir do texto literário, como o analisado, uma gramática diversa daquela empregada no âmbito jurídico é possibilitada, espera-se, portanto, que esta investigação - de natureza interdisciplinar-, não apenas desvele as interdições vivenciadas pelos corpos travestis, mas aportes para que respostas emancipatórias às interdições vivenciadas pelos corpos travestis sejam estruturadas, bem como que contribua para a produção de potentes diálogos entre os campos da arte e do direito.

2 Um corpo que se quer livre

... as pessoas se esquivavam do corpo
da travesti sem se atrever a olhar para ela
(Camila Sosa Villada)

Camila Sosa Villada (2021) nos conta em *Parque das Irmãs Magníficas* sobre percepções de um corpo que se quer livre, que quer circular, que não precise se esconder, temer a polícia, conhecer os horários dos vizinhos a fim de não ser visto por eles, um corpo que possa habitar o parque durante o dia, e não apenas à noite quando todos os demais

[7] Em Butler (2019, p.53), vidas são apoiadas e mantidas diferentemente e existem formas radicalmente diferentes nas quais a vulnerabilidade física e humana é distribuída ao redor do mundo. Certas vidas, diz Butler, "serão altamente protegidas, e a anulação de suas reivindicações à inviolabilidade será suficiente para mobilizar reação a essa. Outras vidas não encontrarão um suporte tão rápido e feroz e nem sequer se qualificarão como passíveis de ser enlutadas ao serem desumanizadas".

dormem. Um corpo que não precise depender apenas de si, assim como as árvores[8], para crescer, encontrar seu lugar, sobreviver.

O Parque Sarmiento em Córdoba é o cenário em que se passa a maior parte das ações descritas no romance premiado na Feira do Livro de Guadalajara, México, traduzido para a língua portuguesa por Joca Reiners Terron e publicado pela Planeta em 2021.

Quando Butler (ano) nos fala em vidas precárias e vidas passíveis de luto em sua obra "Quadros de Guerra" compreendemos que a sociedade valora a partir de critérios determinados por sua construção as vidas como mais ou menos importantes, mais ou menos válidas. Não à toa, o subtítulo do livro da filósofa nos faz uma pergunta: "quando a vida é passível de luto?".

Tal pergunta ecoa em toda a leitura de "Parque das irmãs magníficas" que recorre ao realismo mágico, caminho percorrido por vários autores e autoras latino-americanos para tratar dos temas duros que envolvem nossa história como civilização e, no caso da obra em estudo, a história para ser quem se é numa sociedade que dita quem ou o que devemos ser.

A vida das travestis é uma vida passível de luto? A quem interessa a segurança das travestis à noite nos parques? Na vida cotidiana, na saída da escola? É dado à travesti ter sonhos? É concedido o direito de adotar uma criança como faz tia Encarna no romance? Quais as consequências deste ato?

Essas e tantas outras questões nos vão surgindo enquanto lemos entre extremamente tristes e encantadas a narrativa criada por Camila (2021) em que o Parque Sarmiento também se traveste para receber, à noite, as travestis, vejamos: "O Parque Sarmiento se encontra no coração da cidade. Um grande pulmão verde, com um zoológico e um parque de diversões. À noite, torna-se selvagem." (CAMILA, 2021, p. 13).

Estas que só frequentam o parque à noite, tendo sua solidão acompanhada pelas árvores do parque com seu exemplo de resiliência, se unem para se proteger de todos os perigos e simplesmente são invisíveis à luz do dia, seu espaço é o do não-existir, o do silêncio.

[8] Metáfora utilizada pela autora no Ted x Córdoba intitulado "Profunda humanidad" e disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=KQDRKphX23M> .Acesso em 25 de jun. de 2022.

Nesse cenário, a escrita surge como ato de resistência, mas também como maneira de existir. Para muitas pessoas, apenas a literatura pode apresentar este universo tão desconhecido, forçadamente apagado e silenciado. A literatura, e aqui pensamos na perspectiva de Derrida (2014), como um "despoder, o poder de dizer o não dito, em reserva, de trazer à discussão temas pouco ou maltratados pela mídia, pela filosofia, pela história ou por outras ciências humanas" (DERRIDA, 2014, p.26), figura como um transporte para mundos outros a respeito dos quais não se que falar.

Esta narrativa incomoda, portanto, à medida que nos expõe àquilo que não vemos, pois está escondido entre as árvores quando as luzes do parque se apagam e fazem dele este lugar "selvagem". De encontros, trabalho e, também, de violência. Muitas travestis não voltam no dia seguinte, no entanto, suas vidas não são passíveis de luto.

> O tempo todo o desamor, a falta de respeito. As malandragens *criollas* dos clientes, os golpes, a exploração dos bofes, a submissão, a estupidez de nos julgarmos objetos de desejo, a solidão, a aids, os saltos dos sapatos que se partem, as notícias das mortas, das assassinadas, as brigadas dentro do clã, por causa de homens, de fofocas, pelo disse me disse. Tudo isso que parece não acabar nunca. As porradas, acima de tudo, as porradas que o mundo nos dá, às escuras, no momento mais inesperado. As porradas que vinham imediatamente depois de trepar. Todas tínhamos passado por isso (CAMILA, 2021, p. 27).

O excerto acima mostra-se, a nosso ver, como um bom exemplo da narrativa criada por Camila que consegue contar as violências mais absurdas de uma maneira poética. O valor estético da obra está tanto na escolha das palavras, na maneira de narrar, mas se mostra, também, no alcance que estas palavras conseguem no leitor, desnudando um cotidiano silenciado.

A narrativa realista mágica de Camila também traz personagens reais, a exemplo de Cris Miró, primeira vedete travesti da Argentina que, ao aparecer em um programa de televisão, muda a perspectiva de nossa narradora. Vemos, no episódio narrado, a importância da representatividade, de se ver em outras vidas e saber que não está só, que há possibilidades de existir fora do que é estritamente ditado pela sociedade como correto, bom e válido. Embora longo, transcrevemos um excerto do romance que ilustra o discutido:

> [...] no horror da televisão, que descobria por fim que nós, as travestis, existíamos. Eu assisti à sua aparição quando ainda era um menino e pensei:

> *Eu também quero ser assim*. Queria aquilo para mim. O desconcerto do travestismo. A desolação daquela prática. Foi tamanha a revelação que, como o vento e a maré, também deixei o cabelo crescer, escolhi um nome de mulher e fiquei atenta, a partir de então, ao chamado do meu destino. (CAMILA, 2021, p.57).

Importante destacar, aqui, em relação à escolha do nome, que *Parque das irmãs magníficas* pode ser caracterizada como uma narrativa metaficcional por deixar entrever em alguns de seus episódios e de suas páginas, traços da vida de Camila: "- Você é o filho do Sosa" (VILLADA, p. 57, 2021). Podemos pensar também a escolha deste nome, o significado de Camila é "aquela que oferece sacrifícios". No contexto do que nos é contado no romance, como não pensar pela perspectiva dos significados guardados neste nome que diz tanto?

Em meio ao universo de violências, silêncios e desvalor, algo que devolve o brilho aos olhos das travestis, tia Encarna, com seus quase duzentos anos – e aqui vemos uma expressão do realismo mágico latino-americano ao tocar temas interditados - , encontra um bebê e o adota – "o menino roubado do Parque" (CAMILA, 2021, p. 26), a criança recebe o nome de "Brilho dos Olhos" e muda o cotidiano do grupo que se vê as voltas, entre atônito e encantado com a criança: "[...] todas nós, na verdade, recuperávamos o brilho no olhar quando estávamos com ele" (CAMILA, 2021, p. 24).

A presença de Brilho dos Olhos também nos colocará em contato com os temas ligados ao desajustamento com as instituições estabelecidas em uma sociedade totalmente guiada pelo binarismo. As ideias de maternidade, família, portanto, se farão dentro deste espectro, deixando à margem, mais uma vez, todos aqueles que não se encaixam no modelo: "A imagem de uma travesti com um menino nos braços é um pecado para a gentalha." (CAMILA, 2021, p. 19).

A criança surge entre elas como promessa de um futuro diferente, como uma fonte de esperança e de vontade e sua presença é crucial na narrativa à medida que traz o contraponto da realidade. O desfecho da história de Brilho dos Olhos é trágico e muito real quando pensamos no número de travestis mortas todos os dias tanto no Brasil quanto na Argentina.

3 Instituições

... oprimir o seu poder contra
meu corpo travesti
(Camila Sosa Villada)

As travestis estão à margem, excluídas da vida daquela cidade, daquela sociedade. Escondem-se durante o dia e frequentam o Parque à noite, no escuro, momento em que sua presença não é rechaçada, exceto quando a violência policial invade aquele espaço e rompe com a rotina das irmãs magníficas, espalhando ameaça e dor. A polícia é a responsável por manter esta distância entre as travestis e os demais setores da sociedade, mas não é a única instituição a deixá-las longe, "de fora", as travestis também não podem habitar os espaços religiosos. Considerando que a fé católica foi massivamente difundida naquele espaço pelo colonizador, natural que seus símbolos e linguagens também estejam presentes no cotidiano do grupo de travestis.

Retomando a figura do policial, destacamos que esta também marca um momento importante da narrativa que consiste nas primeiras relações homossexuais de nossa narradora com um grupo de policiais e em troca do silêncio deles, já que na pequena cidade natal, naquele momento, era necessário comprar o silêncio a fim de que o pai não descobrisse. No episódio, vemos o corpo como moeda, o corpo como pequeno valor, o corpo devassado, dolorido. De outra parte, aos poucos, nossa narradora descobre que a travestilidade[9] não lhe deixava muitos caminhos profissionais que não os ligados à prostituição e, assim: "Desde esse dia, meu corpo assumiu um valor diferente. O corpo deixou de ser importante. Uma catedral de nada." (CAMILA, 2021, p. 59).

Nesse caminho, a obra desnuda para o leitor realidades nem sempre imaginadas acerca dos caminhos que percorrem as sexualidades não contempladas pela heteronormatividade[10]

[9] Vale-se de Pelúcio (2009) para significar tal categoria identitária. Como explica a autora (PELÚCIO, 2009, p.43), "travestis ligadas ao movimento social pelos direitos das minorias sexuais têm adotado o termo 'travestilidade' para falar de sua condição, numa tentativa de ressignificar o sentido das palavras 'travestismo' e 'travesti'". Trata-se de uma estratégia de desconstrução que pretende, assim como o *queer*, colocar em xeque valores que sustentam os enunciados depreciativos estreitamente associados às condutas de gênero e às sexualidades não normativas. (PELÚCIO, 2009).

[10] Como expõe Lloyd (2016), a heteronormatividade foi inicialmente denominada por Butler como matriz heterossexual ou lei da coerência heterossexual. Neste escrito vale-se, também, dos preceitos de Pelúcio (2009) para definir tal matriz

não apenas no campo pessoal, mas também no profissional, no mundo do trabalho, na inserção no mercado. Numa perspectiva interseccional, conforme proposto por Akotirene (2019), diversas opressões se somam e se cruzam nas trajetórias das travestis.

De outra parte, quando pensamos o texto literário trazendo temas interditados, pouco explorados, em alguma medida, sequer pensados, como dito, entende-se como Nussbaum (2015) que em algumas situações precisamos de uma linguagem diferente da cotidiana, de uma gramática diversa daquela empregada todos os dias no âmbito jurídico e, um possível caminho para vislumbrar outras nuances de uma mesma problemática seria a linguagem das artes, mais especificamente, neste caso, o texto literário.

3.1 Santos de Devoção: quem são?

Uma das instituições que está a todo tempo imbricada à narrativa é a religião, mais especificamente a fé católica, uma herança deixada pela colonização espanhola na Argentina. Os elementos que atuam como ícones desta fé cristã/católica aparecem a todo tempo enlaçados na narrativa. Santos louros, com suas feições europeias, famílias formadas por pais, mães e crianças e, em alguma medida, a subversão desses símbolos quando travestidos, também, para a realidade tratada no romance e ignorada, quando não condenada pela igreja: "E dizia a todas nós que tampouco podia faltar em nosso quarto uma Virgen del Valle, que era morena e rebelde e tão poderosa que torcia destinos" (CAMILA, 2021, p. 29).

As imagens de santos e santas, o formato familiar presente na Bíblia, as rezas, as crenças, tudo envolve as falas das travestis. Estando este discurso tão enraizado naquele meio, impossível livrar-se dele, ainda mais quando se faz parte de um grupo que espera por milagres para sobreviver, vejamos: "[...] a Santíssima Guadalupana tinha começado a chorar com a canção e as lágrimas resvalavam pelo esmalte que a cobria. Nunca soubemos se foi a umidade daquele dia ou a manifestação da divindade que operou o milagre, o certo é que foi fascinante e nos apertou o coração de beleza." (CAMILA, 2021, p. 34).

Um momento da narrativa em que esta ligação com a religião – a necessidade de reproduzir em contexto diferente os mesmos símbolos da fé católica dada sua difusão naquele meio – ocorre por ocasião do parto da personagem Laura, a referida personagem figura como um ponto de interesse e de disrupção entre as ocupantes do Parque Sarmiento pelo fato de ser

mulher cis no que elas chamam de “supremacia da vagina”, engravida e tem o filho entre elas: “Até no seu estado de gravidez contava com a supremacia da vagina acima de nós” (CAMILA, 2021, p. 40). O parto de Laura marca essas relações de gênero, de classe, de posição ocupada socialmente e também subverte a história do nascimento de Jesus Cristo, trazendo a narrativa bíblica para aquele espaço.

> As horas passavam, a mãe suava, Tia Encarna e O Brilho dormiam numa poltrona que lhes servia de cama. Nós, as rainhas magas, chegamos com tudo o que tínhamos: ouro, mirra e incenso, mas também pau-santo para afugentar os maus pensamentos, e maconha para que as crianças fossem divertidas, e licores para que os duendes baixassem, e santinhos da Defunta Correa para nunca faltar leite e de São Caetano para nunca faltar trabalho, para que nunca seja interrompida a vida que é bem vivida (CAMILA, 2021, p. 42).

O processo de emancipação das identidades marginalizadas passa por reconhecer os símbolos presentes e que governam determinada sociedade e, a partir disso, implica apropriar-se deles, subvertê-los, esgarçá-los, adequá-los para que cheguem até os espaços que não contemplam. Assim é que no episódio do nascimento do filho de Laura traz a ritualística bíblica do nascimento de Jesus (também, em alguma medida, uma personagem marginalizada), mas também agrega elementos que não estão presentes naquela narrativa, aproximando o episódio da realidade vivida pelas travestis que ocupavam o parque e seu conceito singular de família.

Ao longo da narrativa não se perdem de vista os enfrentamentos a que estão submetidas estas vidas: “Queria lhe dizer que nada era seguro aqui, que os filhos das prostitutas não estavam a salvo.” (CAMILA, 2021, p. 43).

3.2 Os Homens Sem Cabeça

“Os Homens sem Cabeça chegaram” (CAMILA, 2021, p. 30) e é assim que eles chegam à narrativa, estes homens nomeados como grupo, em letras maiúsculas e cuja identidade não se pode dar a conhecer, não podem ser vistos junto às travestis. É nas esquinas, no escuro, nos estacionamentos, uma ou outra vez em quartos alugados que esses encontros têm vez: “A palavra de um homem decapitado valia mais que a nossa.” (CAMILA, 2021, p. 32).

A união de tia com um dos homens sem cabeça somada à presença de Brilho dos Olhos traz para aquele ambiente a ideia bíblica de família traduzida da seguinte forma no romance: “Todas nós pensamos que agora tínhamos nosso Jesus e nossa Maria e nosso José, nossa própria sagrada família que parecia com a gente e da qual éramos filhas.” (CAMILA, 2021, p. 36).

3.3 Segurança para quem?

Entre as pernas, tenho uma navalha
(Camila Sosa Villada)

Eventos violentos marcam a trajetória das personagens de *Parque das irmãs magníficas*, desde muito jovens, o desajustamento em casa, na escola; depois disso, a vida nas ruas, a disputa pelos espaços; de outra parte, as relações de confiança e de solidariedade que vão se estabelecendo nas ruas da cidade como maneira de resistir aos comportamentos dos clientes e, além disso, daqueles que deveriam proteger: os policiais. A morte é uma constante na narrativa, trata-se sobremaneira de vidas frágeis, não passíveis de luto retomando o conceito de Butler e, portanto, alvo de todas as formas de violência vindas de todos os lados, inclusive pelas instituições de proteção aos indivíduos.

Em um episódio: “Numa noite, encontramos uma companheira morta, enrolada num saco de lixo preto, jogada na mesma vala em que O Brilho dos Olhos tinha aparecido. Nós a descobrimos em uma de nossas escapadas da polícia, que outra vez andava recrutando putas para levar ao xilindró e exercer sua crueldade.” (CAMILA, 2021, p. 91).

Ao lado dos homicídios, também os suicídios são retratados. Uma vida nua, repleta de perigos, ausente de compensações e alegrias, de exílio da família e das primeiras relações sociais, de construção de laços outros desemboca no desejo de morte contado pela narradora e experienciado por travestis de seu convívio: “As travestis se enforcam, as travestis abrem suas veias. As travestis padecem mais além da morte os olhares dos curiosos, os interrogatórios da polícia, os cochichos dos vizinhos [...].” (CAMILA, 2021, p. 94).

4 A violência como casa

Quem dorme naquela noite é a metade de mim mesma.
A outra metade começa a ser devorada pelo destino que lhe programaram: ser puta.
(Camila Sosa Villada)

Nossa narradora vem de um lar violento e sofre já na família o desajuste que se reproduzirá na sociedade nos anos seguintes de sua vida e, ali, no meio familiar, temos a ideia da heteronormatividade compulsória, a "macheza" como norma quando se nasce sob o rótulo da masculinidade: "Meu uso particular daquilo que só era permitido às mulheres. Chorar." (CAMILA, 2021, p. 48).

Na casa da narradora, era proibido chorar. Fosse de medo, de raiva, de dor, o choro não era uma possibilidade. No tocante ao medo, vale dizer que era um sentimento corriqueiro na casa da infância da narradora, haja vista a violência do pai e seus comportamentos desmedidos que performavam a "macheza" que ele mesmo tanto gostaria de ver no filho. No correr da narrativa, compreende-se que o medo entre eles é recíproco: o da filha que não pode ser e o do pai com medo de que ela seja: "Participo disso, repetindo a violência que me viu nascer, o habitual rito de voltar aos pais, de voltar a ser os pais." (CAMILA, 2021, p. 49).

> Digo que fui me convertendo nesta mulher que sou agora por pura necessidade. Aquela infância de violência, com um pai que por qualquer desculpa arremessava o que tivesse por perto, tirava o cinto e castigava, enfurecia-se e batia na matéria, toda ao redor: esposa, filho, matéria, cão. Aquele animal feroz, meu fantasma, meu pesadelo: tudo era horrível demais para eu querer ser homem. Não podia ser um homem naquele mundo. (CAMILA, 2021, p. 50).

O relato da casa da família é profundo, triste, repleto de nuances e de aspectos que vão se somando ao constituir este quadro melancólico da casa da infância e, ao mesmo tempo, é uma história sucessivamente repetida, que todas nós já ouvimos, conhecemos, vivemos. A mulher entregue pelos pais ao marido que tem o dever de cuidar dela e tomar decisões por ela e tem direitos sobre seu corpo e seu futuro. Uma mulher que folheia revistas e lê romances que nunca viverá. O homem que bebe, transforma-se em monstro e bate na mulher e no filho. O filho desenha a mãe e deseja que ela se liberte, vá embora, deixe aquele homem, mesmo sabendo que ela nunca o fará.

A violência se reproduz dentro, se revela num desejo de morte por não ser o "filho esperado", pela sensação de desajustamento na casa, na escola, na rua, consigo mesmo. Esta mulher que há dentro não encontra espaço fora o que é responsável por sentimentos conflitantes e dolorosos.

5 Considerações finais

Assumir um gênero, como nos lembra Bento (2006) e como se pode perceber a partir da narrativa de Camila (2021) é um processo de longa e ininterrupta duração. Os corpos que rompem o processo natural e se propõem a assumir o gênero com o qual realmente (social e culturalmente) se identificam são condenados e violentados pela sociedade visto que grande parte desta ainda não entende a construção de gêneros como algo social e cultural, mas sim natural.

Então, frente à ojeriza que os corpos travestis provocam, como se pode perceber por meio da narrativa e Camila (2021), aos padrões normativos de gêneros e de sexualidades, importa compreender que os processos sociais que constituem esses corpos como subalternos são marcados por narrativas que tomam o corpo como alvo privilegiado dos mecanismos de poder e consequentemente instituem verdades sobre a percepção de sua inadequação, dado o distanciamento das normas hegemônicas e, portanto, naturalizando as interdições que são direcionadas as esses.

Cientes dessas formas de interdições, muitas travestis buscam maneiras para alterar essa realidade. É exatamente neste sentido que Camila (2021) parece estruturar sua narrativa. A partir de seu texto, ao possibilitar as reflexões, como se fez neste texto, de um corpo que se quer livre, de como as instituições interditam os corpos travestis e a forma como a violência é normalizada a estes corpos, parece estruturar meios para que se possa imaginar o rompimento desta realidade. Sua narrativa por perpassar fatos reais e irreais desafia a distinção estabelecidas entre o que é considerado real e irreal, patológico ou monstruoso. Assim, ao narrar o corpo travesti Camila (2021) nos possibilita imaginar, para além, das interdições deste corpo, novos modos de vida vivíeis.

Além de desvelar as interdições vivenciadas pelos corpos travestis, acredita-se, portanto, que esta investigação - de natureza interdisciplinar - contribui para a produção de potentes diálogos entre os campos da arte e do direito e, desta forma, descortinar – ao ser possibilitada a partir do texto literário uma gramática diversa daquela empregada no âmbito jurídico, aportes para que respostas emancipatórias as interdições vivenciadas pelos corpos travestis sejam estruturadas.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade.* São Paulo: Pólen, 2019.

AMARA, Moira. Destino amargo. In: MOIRA, Amora et al. (Org): *Vidas Trans*. São Paulo: Astral Cultural, 2017.

BENEDETTI, Marcos. *Toda feita***:** o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara. Apresentação. In: BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara. (Org): *Dossiê:* Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018, 2019. Disponível em: < https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf
>. Acesso em 10 de jan. de 2020.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo***:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BRUM, Amanda Netto. DIAS, Renato Duro. *A construção social do conceito de reconhecimento do direito às sexualidades à luz da teoria de Nancy Fraser*. [Recurso eletrônico – on-line]. Florianópolis: Conpedi, 2022.

CAMILA, Sosa Villada, *O parque das irmãs magnificas.* São Paulo: Planeta, 2021.

DERRIDA, Jacques. Essa estranha instituição chamada literatura. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra:* quando a vida é passível de luto. São Paulo:Civilização Brasileira, 2014.

BUTLER, Judith. *Vidas precárias*: os poderes do luto e da violência. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

FOUCAULT, Michel**.** *Em defesa da sociedade*: curso do College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005. Aula 17 de março de 1976.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade* 1. Vontade de saber. São Paulo: Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel**.** *Nascimento da biopolítica (1978-1979).* São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Poder Psiquiátrico***.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Corpos utópicos e as hetrotopias*. São Paulo: N-1Edições 2013.

JAQUELINE, de Jesus Gomes. Interlocuções teóricas do pensamento transfeminista. In: JESUS, Jaqueline Gomes de et al. (Org): *Transfeminismo:* teorias e práticas. 2 ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

LLOYD, Moya**.** *Butler and Ethics*. Scotland: EDINBURGH University Press, 2016.

NUSSBAUM, Martha C. *Sem fins lucrativos*: porque a democracia precisa das humanidades. Tradução: SANTOS, Fernando. São Paulo:Editora WMF, 2015.

OST, François. Contar a Lei:as fontes do imaginário jurídico. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids.* São Paulo: Annablume: Fapesp, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.